



O gesto espontâneo e o terapeuta: a linguagem da autenticidade

The spontaneous gesture and the therapist: the language of authenticity

 Irene Borges-Duarte

Resumo: Uma das inovações que Winnicott introduz na metodologia clínica é a sua especial valorização e aproveitamento do “gesto espontâneo” infantil no contexto terapêutico. A consideração do gesto, tradicionalmente desprezado na perspectiva da racionalidade e, por isso, tão tardiamente tido em conta pelo pensamento, marca, decerto, uma viragem na definição do ser humano. O esforço de Winnicott, por um lado, e da fenomenologia, por outro, contribuiu de forma fundamental para uma melhor compreensão do longo trajeto vital na sua realização existencial. O presente trabalho procura caracterizar esse esforço e defender que a autenticidade do gesto na espontaneidade do rabisco infantil é necessariamente correlativa da mesma espontaneidade do terapeuta, enquanto abertura acolhedora e não interpretativa, e que ambas na sua correlação configuram o que poderia ser o “ser-aí” humano no sentido mais propriamente heideggeriano.

Palavras-chave: Winnicott; gesto; gesto espontâneo; terapia; linguagem; autenticidade.

Abstract: One of the innovations that Winnicott introduces into clinical methodology is his special appreciation and use of children's “spontaneous gestures” in the therapeutic context. The consideration of gestures, traditionally disregarded from the perspective of rationality and, therefore, so belatedly taken into account by thought, certainly marks a turning point in the definition of the human being. The efforts of Winnicott, on the one hand, and phenomenology, on the other, have contributed fundamentally to a better understanding of the long journey of life in its existential realization. This paper seeks to characterize this effort and argue that the authenticity of the gesture in the spontaneity of children's squiggles is necessarily correlated with the same spontaneity of the therapist, as a welcoming and non-interpretive openness, and that both in their correlation configure what could be the human “being-there” in the most properly Heideggerian sense.

Keywords: Winnicott; gesture; spontaneous gesture; therapy; language; authenticity.

1. No princípio era o gesto

Vou partir do princípio de que o primeiro que de humano há é corpo. Não me refiro à mera matéria orgânica capaz de vida, como um óvulo fecundado e aninhar, mas ao *corpo vivo, que é movimento, sensibilidade e gesto*. Como corpo ainda insciente de si, o ser humano vive já na sua própria dinâmica metabólica, *compreende e compreende-se sentindo, e fala agindo*, sem precisar da ulterior culminação em conceito. Tem a agilidade primordial e vigorosa do que é vívido, mesmo se ainda não nasceu, e o ritmo lento e rápido de um tempo maleável, em contínuo exercício, quer o saiba conscientemente, quer não.

Ao falar aqui de *gesto*, situo, pois, o tema desta minha fala naquilo que, no corpo vivo, é *linguagem*, isto é, *manifestação articulada e com sentido* daquilo que se dá como um *movimento corporal*, muscular ou vocal, com exclusão de ocorrências meramente mecânicas. Pressupõe-se, pois, uma *intencionalidade imanente*, seja ou não seja voluntária e consciente. Só é propriamente “gesto” aquele movimento que diz algo a alguém acerca de alguma coisa, quer através de um *movimento postural*, quer mediante um *som exalado pelo aparelho fonador*, independentemente de palavra, seja de forma fragmentada ou rítmica.

Por *intencionalidade imanente ou implícita* entendo aquela que, não sendo deliberada, manifesta aquilo a que Heidegger, ao caracterizar a afetividade compreendente (*verstehende Befindlichkeit*), chamou *Angewiesenheit*¹. Desde o primeiro momento este estar-dirigido-a articula-se no próprio gesto. Sentir aflição, por exemplo, angustiar-nos, evitar a queimadura da luz calorosa e deslumbrante ou manifestar vocalmente dor ou surpresa são respostas corporais a situações diversas, que manifestam o sentido das mesmas: preocupação, cuidado, dor. Este sentido, que essas respostas dão a ver, é, porém, ao mesmo tempo comunicativo: o que assim se abre não se abre só para quem sente, mas também para aqueles que presenciam o ato. Somos, na verdade, uns-com-os-outros, e entendemos imediatamente essa linguagem, que é em cada caso também minha. Trata-se de um dar a entender pré-lógico e inocente, que se situa ao nível do que o primeiro Heidegger chamou “pré-compreensão”. Esta nasce dessa afetividade que é já, à partida, uma compreensão tácita originária, pela qual nos encontramos sempre já no mundo, muito antes de nos darmos conta disso numa compreensão explícita e, portanto, interpretativa. É desse tipo pré-compreensivo o aperto que sentimos no peito numa aflição, num momento de angústia, ou o taparmos o rosto com as mãos na tentativa de proteger-nos de um sol demasiado forte, ou até mesmo o “ai” que soltamos ao

¹V. *Sein und Zeit*, § 29, 137-138: “In der Befindlichkeit liegt existenzial eine erschliessende Angewiesenheit auf Welt, aus der her Angehendes begegnen kann.”

tropeçarmos inadvertidamente num galho caído no chão. A linguagem do corpo e o gesto vocal fazem-se entender limpidamente e, na verdade, mesmo sem querer. Não são automáticos, nem são deliberados. Dão a ver uma orientação ou *Angewiesenheit* implícita para o entorno, assim convertido em ambiente. É neste contexto que entendo o que Winnicott chama “gesto espontâneo”.

Mas também é espontâneo o sorriso que oferecemos a alguém com a nossa alegria, ou a gargalhada que soltamos ante algo divertido que nos acontece ou nos é dito, ou o passo de dança que ensaiamos ao espelho. Podendo dar-se espontaneamente, num movimento involuntário, todos estes gestos revelam, em qualquer caso, a compreensão de uma situação em que nos encontramos, com a intencionalidade latente ou explícita, que reflete *o nosso estar sempre já em relação* àquilo que vem ao nosso encontro no mundo. Não podemos, pois, reduzir o gesto à imediatez de uma resposta corporal ou vocal pré-verbal.

Na verdade, o corpo também continua a compreender e a dar sentido gestual, depois de desenvolvida a linguagem verbal, que nos caracteriza como humanos. E, por isso, se antes de falar com palavras, o nosso corpo fala movendo-se e produzindo sons, depois de desenvolver a linguagem verbal, não deixa de continuar a manifestar-se, em paralelo, através dos seus movimentos e dos seus sons. Ou a conter-se. *As duas linguagens juntam-se, na sua diferença*, passando a caminhar lado a lado. Às vezes, o que a fala diz, desmente-o o gesto. Outras vezes, unem-se numa mesma fenomenologia do que se quer dizer.

A questão que se nos coloca, então, é: pode o gesto pós-verbal guardar ainda em si autêntica espontaneidade? O trabalho de Winnicott contribui decisivamente para encontrar uma resposta a esta pergunta.

2. O caso do paciente que necessitava que alguém lhe segurasse a cabeça

Em *Da Pediatria à Psicanálise*², Winnicott (1954/2000, pp. 347-354) relata o caso de um dos seus pacientes, “esquizoide-depressivo”, que durante a terapia apresentou vários episódios do que chama “retraiamentos momentâneos” da sessão, ou seja, “um retirar-se do relacionamento consciente com a realidade externa”. Esses episódios clínicos, às vezes, limitavam-se a um breve sono, mas, no início da doença, pela qual chegou a estar internado num hospital mental, padeceu de “sentir-se irreal e perdeu o pouco da espontaneidade que tinha” (p. 347), tendo procurado a análise por se sentir incapaz de ser “impulsivo” e “original” (p. 348). Do seu percurso terapêutico, Winnicott seleciona 6

² O breve estudo de caso “Retraimento e regressão” (1954/2000) é especialmente ilustrativo, pela clareza e concisão. Não dispensa, no entanto, ter em conta *O gesto espontâneo* (1987/1990), onde outros exemplos são considerados.

episódios de “retraimento”, em que algo “inesperado” aconteceu, que o paciente conseguiu comunicar, apesar da sua inibição, e a que o terapeuta soube responder com interpretações oportunas.

No seu relato, Winnicott sublinha a linha interpretativa, que dá título ao texto: os momentos de *retraimento* – que revelam pontos de fuga ao fluido habitual da análise – permitem que o paciente revele picos regressivos, em que recupera a criança que foi e se sentiu desamparada, desesperada, por não ter sido acolhido o seu gesto espontâneo. O seu sentimento de falta de impulsividade e de incapacidade de ser original, em adulto, revelavam, então, a falta de um ambiente facilitador em criança, para a sua necessidade de uma resposta acolhedora ao seu gesto espontâneo. Para Winnicott é decisivo, então, não só (1) a detecção do movimento regressivo no seu surgir momentâneo como “retraimento”, mas também e sobretudo (2) o seu adequado acolhimento e resposta pelo terapeuta, que, neste caso, se dá sob a forma interpretativa.

O episódio mais revelador deste processo, naturalmente mais rico do que o que vou poder mencionar, centra-se na forma como o paciente descreveu, numa sessão, a dor de cabeça que sentira dois dias antes, na sequência da sessão anterior, em que se tratara do facto de ele não ter nunca chegado a aceitar a morte do pai, com quem tinha sonhado. “Esta dor de cabeça era temporal e às vezes frontal, e era como se ela estivesse situada bem do lado de fora da cabeça” (p. 352), sem que ele, que era médico, pudesse explicá-la em termos fisiológicos, como se fosse uma “coisa louca”. E, em comentário, acrescentou que se tinha sentido doente e que lhe apetecera meter-se na cama, o que teria feito, em vez de ir à sessão de análise, se sentisse que poderia ter “recebido alguma simpatia de parte de sua mulher” (p. 353). No decurso da sessão, Winnicott pôde responder-lhe que essa dor “do lado de fora da cabeça” representava a “necessidade de que alguém lhe segurasse a cabeça”, como o pai talvez pudesse ter feito, quando ele era pequeno e se sentia angustiado. “Depois que seu pai morreu não havia mais ninguém que segurasse a sua cabeça”.

A interpretação parece límpida e o seu resultado positivo manifesta a sua verdade e bom efeito. Havia um movimento regressivo e uma transferência que colocava o analista no lugar do pai, tendo sido introjetado o “aspecto-ambiente do analista” (p. 352). Mas não é aí aonde Winnicott coloca o autenticamente importante, e sim na resposta do paciente à sua interpretação. Este diz que percebeu a verdade da interpretação, com um retraimento inicial, como se detectasse no analista uma espécie de “máquina” afetiva para o acolher. Ora, justamente, não foi o segurar efetivo da sua cabeça o que o analista fez – como se fosse a tal máquina de responder... *O que o analista lhe deu foi a compreensão do que é que ele necessitava*. E, por isso, “ele sentia agora que a [minha] interpretação era justamente o motivo pelo qual ele tinha vindo à análise naquele dia” (p. 353).

O acolhimento do analista foi, neste caso, a resposta interpretativa na qual o paciente encontrou sustentação (*holding*) para a precariedade da sua existência insegura. Mas, ao mesmo tempo, esta resposta foi resposta à solicitação muda de um gesto espontâneo, que o paciente (regredido em criança) foi capaz de dirigir ao analista-ambiente. A um apelo do paciente o analista respondeu bem... como analista. A criança teria desejado e esperado um colo, onde repousar a sua cabeça. Mas o paciente, em que a criança ainda anida, precisa poder descobrir o que se passa com a sua cabeça, por quê ela (ele) precisa de colo. A resposta adequada do analista é a compreensão desse porquê e, por isso, a abertura da superação do trauma que, senão, permaneceria adormecido e intocado. Winnicott: “A vantagem da regressão é que ela traz consigo a possibilidade de corrigir uma adaptação inadequada à necessidade do paciente na sua infância precoce. Ao contrário, o estado de retraimento não apresenta utilidade nenhuma, pois quando o paciente se recupera dele, nada mudou.” (p. 354)

Na interrupção do processo verbal, por detrás do retraimento, apareceu a regressão ao “gesto espontâneo”. Que é, então, este gesto?

3. Que “gesto”?

Antes da precisão terminológica, no contexto winnicottiano, considero importante retomar o discurso prévio, de caracterização geral do gesto.

Há dois aspectos a distinguir e registar: em primeiro lugar, o gesto *diz-nos* algo; mas, ao mesmo tempo, o gesto *faz* algo. *Diz-nos*, primeiro que nada, justamente que há *relação com*, essa relação ôntico-ontológica que é constitutiva do *Dasein*. E, de facto, *ao fazer-se*, o gesto articula-*nos* nessa conjuntura, junta e configura a nossa relação como ser-no-mundo em que algo chega até mim e me atinge, no sentido que, de cada vez, possui. *É, pois, ao fazer-se que o gesto diz algo. É o feito que fala*. Pelo contrário, a língua verbal, o idioma em exercício não necessita *fazer* o que diz. Apenas necessita pronunciar-se. Pode traduzir-se em discurso oral ou, por mediação de instrumentos adequados, em escrita de algum tipo. Com o uso da língua, o puro gesto que, no fundo, estava na sua origem, apaga-se, guarda-se de aparecer. Fica sob a alçada da mente, que procura em todo o momento controlar a sua capacidade de se lhe escapar. Pois a fala pode dizer sem fazer.

Veja-se um exemplo trivial, que extraio da quotidianidade da minha interação com o meu gato. Quando ele quer ir lá fora e a janela do terraço está fechada, vem ter comigo e chama a minha atenção com o olhar e, eventualmente, mia. E quando consegue que eu o atenda e lhe responda, corre para a janela e para em frente dela à minha espera. Então, eu chego e abro-lhe a janela, para ele sair para o

terraço. Não há palavras, porque o gato não possui uma linguagem verbal. Mas todo o processo de manifestação de uma intenção está lá. Uma criança, que ainda não tenha começado a falar, pode agir de forma semelhante. E também pode dar-se o caso de alguém que, por exemplo, tenha perdido o uso da fala articulada (como resultado de um acidente vascular cerebral, por exemplo) procurar *fazer-se entender* movendo-se na direção do que pretende. O gesto, na verdade, é o que se *faz entender*: *diz fazendo*.

Sem nos determos neste ponto, podemos, então, concluir que não é apenas o discurso que articula a compreensão já de sempre afetiva do ser no mundo, tese que defendia Heidegger em *Ser e Tempo*, dando razão a Derrida, que denunciara criticamente o *logocentrismo* dessa posição. A fenomenologia, que no § 7 dessa obra, se definia como *o chegar do ser ao sentido*, sendo este a *articulação lógico-linguística da compreensão sempre já de antemão afetiva*, deverá, pois, também atender à linguagem do corpo, que ao sentir já compreende, ainda antes de saber falar³. E mesmo depois de desenvolvida a fala, continua a emprestar-lhe a voz, para lhe dar expressão oral, e todo o corpo, plasticamente, para dizer ou calar o que aparece ou se esconde nas palavras explicitamente pronunciadas.

Pré-compreensiva ou compreensivamente, o gesto é sempre linguagem. Os poetas sabem-no bem, quando escrevem, como Joaquim Pessoa (2012): “Os teus gestos são letras, sílabas, poemas. Os teus gestos são páginas inteiras.”

Vilém Flusser levou esta ideia ao seu extremo. No seu esboço de uma *Teoria Geral do Gesto* (Flusser, 1994, p. 223), atribui prioridade ontológica ao gesto, convertendo-o em “modelo” para a abordagem fenomenológica da descoberta – isto é, da criação – da cultura. Na verdade, os gestos, para ele, não são fenômenos meramente fisiológicos ou de tipo motor, mas fenômenos “existenciais”: eles instituem e constituem “o estar no mundo ativo”. Não integram a mecânica dos corpos, mas são da ordem da “liberdade”. E são, na verdade, deste tipo os gestos quotidianos que analisa, muitos dos quais sedimentados e rotineiros (o gesto de fumar cachimbo, o gesto de fazer a barba, o gesto de escrever, o gesto de fotografar). Deles diz que são “deliberados”, e portanto susceptíveis de uma leitura ética. Mas nem todos os gestos são deliberados. Não são assim o “gesto primordial” (*praxis*), pelo qual se gesta o mundo humano no movimento da mão, que “transforma o mundo em circunstância”; nem o gesto do olhar (*teoria*), que objetualiza o mundo em que já, de fato, age, aprendendo a coordenar com a vista a manipulação do que tem à mão (Flusser, 2008, p. 18 ss.). Esses

³ Na sua obra tardia, Heidegger chegará a ter em consideração esta dimensão fundamental do corpo (*Leib*), do “corporar” (*leiben*) e do gesto (*Gebärde*), que passam a integrar modalidades do ser-aí. Mas não é este o lugar para um desenvolvimento destes aspectos.

gestos são intencionais, mas não voluntários, nem muito menos deliberados. No começo da cultura e da história, está, para Flusser, um gesto espontâneo. Como, decerto, para Winnicott, no começo da vida de cada um.

4. O gesto espontâneo

Na verdade, o que Winnicott chama “gesto espontâneo” tem duas acepções fundamentais. A primeira, recolhe o seu *sentido estrito e primordial*: é o movimento espontâneo do bebê que, ao descobrir o seio da mãe, *o inventa* como tal. Não há, inicialmente, neste movimento do bebê qualquer intenção, mas apenas instinto. Dir-se-ia, pois, que só por acaso resulta: só porque a mãe, que amamenta, facilita com a sua resposta adaptativa, que a boca do bebê encontre o mamilo. Mas, nesse encontro de movimentos e sensibilidades, dá-se o acontecimento primordial, pelo qual o bebê *começa a ser na relação que o constitui como tal*, ao permitir ao lactante o investimento criativo do seio, que agarrando-o o instala num mundo-ambiente, que o sustenta e protege. E também a mãe começa a ser, na sua função simbiótica de ambiente, sugestivo e acolhedor. Nesta *relação fundacional* dá-se a possibilidade da mais elementar criatividade: aquela pela qual o recém-nascido, instintivamente, encontra o mundo em que, sem querer, *espontaneamente* aceita estar e ser. É o bebê, diz Winnicott, que, assim, “cria o seio, a mãe e o mundo” (1962/1994, p. 347). E, diz Elsa Oliveira Dias (2003/2012, p. 163), “é sobre [essa] criatividade originária que todo o viver criativo pode ser construído”.

Esta acepção-base é, pois, ao mesmo tempo, *radical e limítrofe* com o que, no caminho que temos vindo a fazer, seria o *ainda não* gesto. Na verdade, o “gesto espontâneo” é o que, partindo da total insciência do mundo, *gesta* o mundo na sua possibilidade originária. Filosoficamente, não seria ainda terminologicamente caracterizável como gesto, pois carece de intenção propriamente dita, não tem mais motivação que a necessidade instintiva do ser vivo em buscar a fonte de alimentação e continuidade de vida. Mas, nesse sentido, justamente, é a origem do gesto fazedor de mundo, é o primeiro gesto, pelo qual o potencialmente humano encontra e, portanto, descobre que busca o que, de fato, já de antemão e sem saber, procura. Não há maior pregnância que a do incoar originante: o surgir *fenomenológico* do sentido pleno no seu *fiat*. É o *modelo puro do dizer e fazer em que o ser se gesta* no encontro pelo qual tem lugar.

Na verdade, toda a existência se vive *in crescendo* em gestos-acontecimento deste tipo. O que significa que a designação “gesto espontâneo” pode aplicar-se, por extensão, a todos aqueles atos, pelos quais se abrem dimensões integrantes e integradoras da vida individual ou do *self*, no seu processo de maturação e realização plena. Tendo, pois, como ponto de partida aquele acontecimento

e modelo, que Winnicott soube perceber e descrever, é possível compreender o que possa corresponder a momentos de colapso de um percurso existencial determinado. A falta daquela criatividade originária e do seu gestar sentido no encontro com o mundo leva a um desintegrar-se no não-ser de um não-si-mesmo. O *self* claudica ao não se exercer como tal, perde-se de si, porque não cria o seu mundo – que, tal como na abordagem fenomenológica, é um fenômeno correlativo. Era isso o que acontecia no caso que reproduzi acima.

Assistimos nele a uma dupla vida, a uma história que se desdobra em duas. A primeira, que é a do gesto espontâneo do infante, que o ambiente paternal não soube acolher adequadamente, deixando-o cortado na sua expectativa e confiança, no seu horizonte de ilusória onipotência. A segunda, que é a do gesto do adulto-regredido, temeroso e desesperado, que, contudo, tenta uma vez mais, como se fosse criança, embora necessitando já algo diferente do que a uma criança bastaria: necessita o que busca a criança, mas não já como a ela a satisfaria. Ambos os gestos são “espontâneos”, no sentido radical, originário. Mas o primeiro é só um fazer que diz a sua orientação ou *Angewiesenheit* para o incerto mundo desconhecido – que é, assim, de esse modo inábil, diretamente criado. Enquanto o segundo é um dizer que remete para aquele fazer remoto, já perdido entre capas sobrepostas de meros dizeres e máscaras do que Winnicott chamou o “falso *self*”. Neste, guarda-se o *link* para o “verdadeiro”, mas alguém tem que dar-se conta disso, captá-lo e seguir na sua direção. Só pela relação com outro se lá chega.

5. O gesto do terapeuta

Do mesmo modo que na análise de adultos, mas com mais pregnância ainda, a análise de crianças potencia a manifestação dessa busca primordial de contacto que é o “gesto espontâneo”. Mas, da mesma maneira que o gesto do garoto dá sentido ao *setting* como possível morada, é o gesto criativo do terapeuta que, ao acolhê-lo, lhe dá ocasião de manifestar-se. Não tanto, neste caso, quando o interpreta – o que também pode ter lugar, num preciso momento, fomentando a resposta compreensiva – mas quando cria o espaço para o jogo primitivo em que o que se põe em jogo é o núcleo mais primordial da personalidade da criança, do seu verdadeiro ser-si-mesmo. O gesto do terapeuta abre essa possibilidade ao *dar sentido ao espaço aberto como lugar confiável*, onde se pode estar sem medo e brincar. Mas a comunicação que introduz essa confiabilidade não é basicamente verbal, mesmo se acompanhada de palavras. É o gesto do corpo, da mão do olhar, o tom da voz, a música implícita do estar do terapeuta nessa relação que abre a possibilidade. O paciente responde-lhe, dando-se a ver no que tem de mais próprio, mais genuíno. É nesse estar-em-relação que surge o

con-tato – um tato recíproco, que não tem por que ser um toque físico – do *self* mais originário, de esse que é antes de saber-se como tal.

O gesto dialógico de acolhimento do terapeuta manifesta-o, então, também a ele – ao próprio terapeuta – *espontaneamente* na sua verdade, mesmo se a relação estabelecida põe em jogo algo mais que a imediatez do corpo, algo mais que o “aí” ou cerne primitivo do *Dasein* do terapeuta. Se assim não fosse, o estar alerta que caracteriza a armação defensiva do paciente, dar-se-ia conta e retraindo-se, sem que o seu próprio “aí-ser” tivesse ensejo para fazer a sua aparição. Também o aparecer é, pois, um *fazer* radical: o que se faz apesar de não se saber, o que *se diz* num fazer límpido, irreprimido. A linguagem da autenticidade é a que se desperta nesta relação.

E a técnica não é, então, algo que se sobrepõe à natureza, controlando-a, mas apenas uma forma de deixar *deliberadamente* que esta se revele no seu ser mais próprio. Um estilo de fazer obra: neste caso, deixar que a verdade (do paciente) venha a mostrar-se da maneira mais pura, mais autêntica. O relampaguear do ser-em-relação que é o aí-ser.

6. Ser-aí como gesto: a linguagem como articulação integradora

No gesto espontâneo, tal como o compreende Winnicott, em ambas as acepções, encontramos, pois, o “dar a entender” pré-lógico e inocente, que desperta uma resposta pré-compreensiva, nascida na afetividade, pela qual o que nos chega nos afeta, muito antes de nos darmos conta disso numa compreensão explícita e, portanto, interpretativa. É desse tipo pré-compreensivo o cheiro úmido, quente e próximo do seio, que o recém-nascido, com a boca, inventa como sendo seu mundo. Por meio desse *gesto ontológico faz e diz o ser do que será*. Essa linguagem do gesto faz-se entender limpidamente e sem querer. Manifesta uma intencionalidade implícita, que o próprio gesto articula. O feito é obra sua. Mas, simultaneamente, esse dizer fazendo é diretamente apelativo, comunicativo. Como é, então, que deixamos de a ouvir, de a perceber?

Penso que a opacidade do sentido – que o viver e as suas sedimentações acumulam – faz parte do que chamamos mundo. Heidegger considerava-a um fenômeno ontológico radical, inerente ao próprio dar-se e retirar-se do ser que, na surpresa, vem ao nosso encontro. O trabalho de Winnicott parece ter criado uma possibilidade de integrar este vir-ao-encontro no projeto pelo qual, sem o saber, o bebê cria o seu mundo. A ilusão insciente do bebê, articulada no gesto e integradora de aquilo para que está orientada, é, porém, o início de uma saga, facilmente trágica, desintegrada. Ao terapeuta, que entra nessa saga, toca-lhe um papel fundamental, mas igualmente precário: *aperceber-se do gesto límpido nas águas turvas do discurso verbal, e responder-lhe* sabiamente, isto é, adequadamente,

com plena autenticidade. Mas só a sua espontaneidade – isto é, a sua autenticidade – pode detectar a espontaneidade do gesto-fala do paciente, e resgatá-la, seja no rabisco do paciente infantil ou no retraimento do adulto, por exemplo.

É a espontaneidade que acolhe a espontaneidade porque ela é a que, desde o início, é sempre já relação.

Referências*

- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWWeditorial, 2012.
- Flusser, V. (1994). *Gesten. Versuch einer Phänomenologie*. Frankfurt: Fischer.
- Flusser, V. (2008). *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.
- Heidegger, M. (1927). *Sein und Zeit*. Tübingen: Niemeyer.
- Pessoa, J. (2013). *Guardar o fogo*. Lisboa: Edições Esgotadas.
- Winnicott, D. W. (1954). Retraimento e regressão. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 347-354). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1962). Primórdios de uma formulação de uma apreciação e crítica do enunciado kleiniano de inveja (Parte II do Capítulo 53, Melanie Klein: Sobre o seu Conceito de Inveja). In D. W. Winnicott, *Explorações Psicanalíticas* (pp. 340-347). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1987). O gesto espontâneo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

* Todas as referências, no corpo do texto, em que não constam o nome do autor, são de D. W. Winnicott. Nos casos em que são mostradas duas datas, a primeira refere-se à publicação original e a segunda, à edição consultada.